



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PRÓ-REITORIA DE GESTÃO DE PESSOAS
DIRETORIA DE DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS**

**CONCURSO DE POEMAS
RESULTADO**

SEGUNDO COLOCADO: ANTÔNIO ROCHA NETO

CIRCOS

Circos circulam, mundo afora.

Circos são lares

Circulares.

Lar de palhaços,

Trapezistas,

Mágicos,

Malabaristas.

Circo é lar de artista brilhante,
De alegria constante,
De gente elegante,
Mas circo não é lar para elefante!

Circo é lar de quem trabalha por paixão,
De quem ama risco, emoção,
Mas não é lar para leão!

Circo combina, e muito, com pipoca,
Mas não combina, em nada, com foca!

Circo é lar de artista circense,
Para quem se preparou,
Fez curso,
Mas nunca foi lar para urso!

Circos circulam,
E, com sua trupe, a alegria aflora!
Levem, circenses,
Sua alegria, mundo afora,
Mas os animais
Deixem em meio à flora!

Circule, circo,
Espalhando folia,
Fazendo festa!
Ao nosso sofrido povo,
De gente humilde e honesta,
Sua energia,
Por gentileza,
Empresta!
Mas os animais,
Por favor,
Deixe que circulem na floresta!

PRIMEIRO COLOCADO: JOSÉ CARLOS ROMANELLI

A VÍTIMA E A CHUVA

A chuva cai sobre nossa capital
Desfazendo resquícios do Natal,
Lambendo as calçadas e o chão
Como um imenso mata-borrão.

São seis horas da noite e penso:
Hoje o tempo está tão tenso!...
 Levanto-me, vou à janela
 Donde observo a cidade bela.

Olho de súbito a rua vizinha
E sinto um frio na espinha
Vendo a multidão a espiar
Um corpo prestes a expirar.

Atravesso às pressas o assoalho
Sem mesmo guardar o baralho
E deparo-me com triste cenário
Do corpo inerte dum operário.

Observo como um reles anão,
Espremido dentre a multidão,
Mais uma vítima inocente
Do atual sistema vigente.

Logo meu cérebro máquina
Um repúdio às aves de rapina
Que usam o sangue dos peões
Na massa dos seus espigões.

Acidente de trabalho, por escrito,
Prontamente apareceu no sinistro,
Levado por pelego habilidoso,
Preocupado com enterro oneroso.

A multidão logo deixou o local
Já calejada desta sina social
Que enche páginas do pasquim
Manchadas com sangue-carmim.

Nem chuva respeitou o indigente,
Caindo fina e continuamente,
Apagando as velas do morto
Neste seu último conforto.

E logo chegou a fria madrugada,
Mensageira do tudo e do nada,
Levando, para o alto das favelas,
Fome para os filhos matusquelas.

14/11/80

ROMA.